

**WHITE, Edmund. *City Boy, Minha vida em Nova York*. 1ª edição.
Trad. José Rubens Siqueira. São Paulo: Benvirá, 2012. 331 págs.**

*Raul Ignacio V. Arriagada**

Na atual sociedade brasileira, as chamadas minorias têm conquistado um respeito que há algumas décadas nem era imaginável. A visibilidade e a tolerância gay são algumas delas. No caso dos direitos homossexuais como o casamento e o projeto contra a homofobia, o panorama só não se apresenta cem por cento devido a um senado marcadamente conservador e religioso. Mas, a sociedade brasileira que dialoga com as demais sociedades de outras nações graças, principalmente, à internet caminha numa estrada na qual não há mais volta ao que era antes: preconceito, discriminação e *bullying*. A homossexualidade deixou a muito tempo de ilustrar somente as páginas dos cadernos policiais para estar nas primeiras páginas dos acontecimentos políticos, sociais e culturais no Brasil e no mundo.

A normalidade com que se vê hoje a homossexualidade está presente nas novelas televisivas, nos seriados norte-americanos, filmes e livros que promovem na sociedade a aceitação da sexualidade assumida por ícones artísticos do mundo da música, literatura etc. Não causa mais espanto saber que determinado escritor, músico ou político se declara homossexual. Se até na posse do seu segundo mandato o presidente norte-americano Barack Obama convidou para declamar o poeta abertamente gay Richard Blanco, por que nos escandalizaria saber que o filho do vizinho é homossexual? A presença de Blanco na Casa Branca é mais um sinal de que está se

*Raul Ignacio Valdivia Arriagada é doutorando em Letras pela Universidade Presbiteriana Mackenzie de S. Paulo, São Paulo, Brasil. raul.arriagada@gmail.com

firmando uma sociedade global pautada no respeito às diferenças.

Contudo, esta tolerância à homossexualidade vai além da mera aceitação de que determinados indivíduos tenham preferências sexuais pelo mesmo sexo. A tolerância que está surgindo não é uma simples concessão, ela permite que se fale e discuta sobre a própria sexualidade humana em si: seus desejos e suas fantasias e a prática destas mesmas fantasias. Trata-se de discutir os rótulos que durante anos perseguem as pessoas tentando classificá-las em heterossexuais, bissexuais ou homossexuais. Como se tais etiquetas sexuais fossem permanentes e satisfatórias para encaixar o indivíduo em determinado papel ou função sexual e afetiva.

Hoje se lê sobre a sexualidade para que o sujeito possa entender-se. E sabemos, desde a década de 1960 com os movimentos de Contracultura, que a sexualidade é também uma questão política. Assim, a chamada Literatura Gay, na verdade, interessa a todos.

A classificação Literatura Gay surgiu nos Estados Unidos na década de 1970, firmando-se nos anos seguintes, numa tentativa de reafirmar o movimento e cultura gay que começava a ganhar espaço nas grandes cidades. Mas, tal definição colocou autores antes lidos pelo grande público (Wilde, Baldwin, Isherwood) ao lado de jovens autores assumidamente gays sem muita expressão num saco de gatos confuso e, talvez, injusto.

Edmund White que escreveu suas memórias dessa década em *City Boy – minha vida em Nova York* (City Boy: My life in New York during the 1960s and '70, no original) viu alguns de seus livros serem encaixados nessa nova – para a época – Literatura Gay. O livro de White é uma joia rara na discussão dos temas levantados acima o que o torna relevante não apenas para o público homossexual.

Em *City Boy* – lançado no Brasil no fim de 2012 - White retrata uma Nova York suja, pouco charmosa e mais barata para se viver do que é hoje, ou melhor, o que se tornou posteriormente nos anos 1980. Mas é nesse cenário que o autor conta sem concessões suas aventuras sexuais. A intenção não é de chocar, até porque não há relatos minuciosos das práticas sexuais, mas sim de relatar que numa era pré-aids vivia-se a intensidade da sexualidade sem limites. Contudo, segundo White, não existia uma militância gay. O que se considerava como liberdade gay era, na verdade, a liberdade sexual: “Achávamos que liberdade sexual era a mesma coisa que liberdade. Estávamos dispostos a considerar a possibilidade de ‘política gay’ ou ‘cultura gay’, mas só depois de assegurar primeiro total liberdade sexual gay” (p.114). A caçada sexual não era apenas gay nessa Nova York sujeita a apagões como os que aconteceram em 1965 e

1977, mas era de todos: “Nova York era o único lugar da América em que todo mundo – jovem e velho, hétero ou gay – caçava. As pessoas nas cidades grandes caçam; não é por acaso que em francês a palavra para *cruise (draguer)* se aplica a héteros e gays, uma vez que ambos os grupos o praticam (...)” (p.233).

Chama muito a atenção também para o fato de não existir ainda uma cultura gay definida como se conhece hoje e que parece que sempre existiu. O chamado Orgulho Gay nem existia. O que podemos perceber é que na vida de um gay nova-iorquino o problema não era sua vida sexual, mas a vida em si. Ou seja: “se assumir, lidar com o preconceito religioso, suportar o ambiente de trabalho hétero ou os problemas de amizade, moradia, família, e tratar de questões práticas legais como deixar suas propriedades para um amante gay” (p.169).

O relato é da década de 1960 e, no entanto, parece com a contemporaneidade da realidade brasileira. Contudo, a organização da comunidade gay não tardou a vir com a noite histórica de Stonewall. White, que presenciou o evento, soa um pouco herege ao comentar que, na verdade, o levante não tinha finalidade política: “Os líderes GLBT gostam de criticar os jovens gays por não levarem o movimento a sério, mas não deem ouvido a eles. Lembrem-se apenas de que em Stonewall estávamos defendendo nosso direito de nos divertirmos, de nos encontrarmos e de fazer sexo”(p.64).

Essa afirmação soa herética quando pelo globo terrestre a Parada Gay reivindica direitos e respeito pela comunidade GLBT e muitas dessas paradas têm como ponto histórico de partida o levante de Stonewall. Mas, algumas linhas adiante, White legitima a luta: “O Stonewall era um símbolo, assim como fora a queda da Bastilha (...). Evidentemente eu não fazia ideia de como o levante era ou viria a ser sério, como ele iria produzir toda uma nova era de consciência gay” (p. 65).

De fato, o levante de Stonewall foi decisivo para a conquista de gays norte-americanos e, principalmente, de verem-se livres das constantes batidas policiais a que eram submetidos constantemente. Hoje em dia, todo autor que escreve sobre a história do movimento gay acaba destacando como fato marcante o levante de Stonewall e a noite do dia 28 de junho de 1969 quando cansados das investidas policiais gays, lésbicas e travestis frequentadores do bar Stonewall Inn reagiram com garrafas e o que mais estivesse à mão, surpreendendo a polícia. Muitos foram detidos e o bar fechado; contudo, a ocorrência marcou um início de movimento que mostrou sua força na união e na informação sobre seus direitos.

Atualmente, estudiosos dos movimentos gays explicam melhor esse levante. Segundo o sociólogo e escritor chileno Óscar Contardo, em obra intitulada *Raro, una historia gay de Chile*, na Nova York dos anos 1950 existia uma proibição municipal que impedia os bares de venderem bebidas alcoólicas a homossexuais. A solução foi transformar os bares em clubes, burlando a lei. Os clubes então registravam seus membros e frequentadores. Mas a máfia viu nessa proibição uma oportunidade de vender bebidas e comprou bares frequentados por gays colocando um mínimo de investimento. Segundo Contardo, esses bares não tinham sequer água potável ou saídas de emergência. A polícia fazia vistas grossas na maior parte do tempo, mas - no caso de Stonewall - o negocio da máfia se completava com uma rede de chantagem aos clientes assíduos do local por parte dos proprietários. A rede de chantagem foi descoberta e a polícia foi destinada a intervir naquela noite de 28 de junho e interditar o local. A chegada deveria ser fácil, pedir os documentos dos frequentadores homossexuais que geralmente apenas prestavam resistência e dar continuidade ao procedimento. Mas, algo aconteceu. Os clientes se recusaram a entregar seus documentos e nem todos os frequentadores se mostraram tão dóceis. A polícia deteve alguns e liberou outros, e os que foram liberados não foram embora, ficaram por ali. Quando os que iam ser detidos se preparavam para sair com a polícia, começaram gritos, tumultos e as vozes dos homossexuais levantaram seu tom. O que veio a seguir foi um levante violento que forçou a polícia a voltar ao bar e se refugiar no local. Os distúrbios continuaram no dia seguinte e, um ano depois do acontecimento, as organizações gays concordaram em celebrar uma marcha para oficializar a data reunindo mais de dez mil manifestantes.

Não deixam de ter certa verdade as palavras de White ao contar que o levante de Stonewall consistia no direito de se divertir e de fazer sexo com quem se quisesse. Entretanto, relatado dessa forma faz o autor parecer leviano em relação ao que significou historicamente. Na verdade, o relato de *City Boy* não é o relato de um militante gay – mas de um escritor em formação que participou desse e de outros fatos marcantes. Contudo, a militância propriamente virá quase ao final do livro, quando estão chegando os anos 1980 e com eles a devastação que a Aids trouxe à comunidade gay: “Em 1981, tudo isso chegou ao fim (...). Agora nos diziam para limitar o número de parceiros, para saber o nome dos parceiros ou para se abster de sexo inteiramente (...)” (p.317).

Toda a liberdade sexual encontrada em cada esquina da cidade teve seu fim com a chegada da Aids. Os primeiros casos, a doença de amigos e conhecidos fez uma parte

dos gays ligados à vida cultural de Nova York se reunir: “Larry convidou cinco ou seis homens, inclusive eu, para discutir como formar uma ofensiva contra a GRID (que um ano depois foi rebatizada de Aids (...)). Resolvemos chamar nosso grupo de Gay Men’s Health Crisis” (p. 316).

Não deixa de ser emocionante o relato que White faz dos amigos, intelectuais e escritores brilhantes que foram vítimas da Aids. White que foi um amigo muito próximo da escritora e pensadora Susan Sontag, conta que uma vez ela lhe disse “que em toda a história da humanidade, só por um breve período as pessoas tiveram liberdade para fazer sexo quando e como quisessem – entre 1960 com o surgimento da primeira pílula anticoncepcional, e 1981, com o advento da Aids”(p. 316). De fato, a observação de Sontag é precisa: com a pílula a mulher finalmente era dona do seu corpo e da vivência de uma sexualidade mais plena, sem o medo da gravidez indesejada. O movimento Contracultura que colocou em xeque o *american way of life* e festejou o amor livre liberou toda uma geração de norte-americanos reprimida pela religião, pelo consumismo, moralidade e conservadorismo - foi fundamental também para a liberação feminina e para outras minorias, como os próprios gays, mas também os negros. Segundo Perry Anderson, nos anos 1960 os “esteios vitais da ordem moral tradicional que regulavam as relações entre as gerações e os sexos começaram a ceder (...) [e] a década viu arderem de novo chamas vivas de vanguarda” (1999, p. 107). A própria Sontag escreveu em 1986 um belo opúsculo “Assim vivemos agora” (*The way we live now*, 1995), sobre o impacto da Aids num grupo de amigos. O breve conto foi traduzido no Brasil, mais tarde, pelo escritor Caio Fernando Abreu, ele mesmo vítima da doença.

A liberdade sexual vivida pelos gays nas décadas anteriores ao advento da Aids também foi tema de um notável romance brasileiro lançado no começo dos anos 2000: *Trem fantasma*, do jornalista Carlos Hee. No romance, Hee conta as noitadas de um grupo de amigos gays nos bares e discotecas de São Paulo, regadas à droga e a sexo sem fim. O romance parece ser um relato autobiográfico daquelas noites que não diferem das relatadas por White em sua Nova York. Contudo, as personagens de *Trem Fantasma* carecem de consciência social, e fatos socioculturais ou históricos não são ao menos citados pelo autor, acentuando essa alienação. O livro de Carlos Hee ganha ao nomear cada capítulo com o nome de um bar ou casa noturna que fez história em São Paulo nas décadas de 1970 e 1980. O público leitor mais maduro, sem dúvida, se reconhecerá em cada um desses locais citados. No entanto, o sexo desenfreado é o que mais chama a atenção. São personagens que vivem para isso; como na citação de Sontag – foi uma

geração que viveu o sexo sem medida. “Minha grande preocupação era conhecer o maior número possível de homens em menos tempo. O que não era difícil, na medida em que a oferta era bastante grande (...). Queria recuperar o tempo perdido (...)” (2002, p.44).

O romance de Hee coincide com o de White em dois momentos: primeiramente, o relato de *Trem Fantasma* começa em Nova York – citam-se bares, saunas, clubes de sexo e discotecas que White comenta em suas memórias. E, em segundo lugar, coincidem na ideia do amor. Para ambos os autores, antes da Aids a ideia de ter um só parceiro não era comum. Havia uma diferença entre amizade, amor e sexo. Segundo White, o mais importante era preservar sempre os amigos, pois um namorado podia se perder, mas os amigos seriam para sempre; ter um namorado não significava ter que fazer sexo exclusivamente com ele, o ideal era ter uma relação aberta de modo que ambos pudessem flertar e ir para a cama com outros parceiros. Dessa forma, sexo e amor não precisariam andar juntos: “O que mais importava, além da diversão, era estar apaixonado. Todos queriam viver uma grande paixão. E quanto mais, melhor. Com esse pensamento na cabeça, a fidelidade não era muito respeitada num relacionamento. Estar com um não significava deixar de estar com outro” (HEE, 2002, p33).

A Aids reverteu esse quadro de tal forma que hoje, tanto heterossexuais como homossexuais procuram reunir numa única relação a amizade, o amor e o sexo.

Mas a Aids com suas vítimas só aparece nos últimos capítulos de *City Boy*. Surpreende que tenha existido uma época em que a vivência da sexualidade esteve livre de estigmas (“A cidade inteira estava inundada de desejo e de oportunidades de satisfazê-lo”(White, 2012, p.58)). White, embora na juventude - como é normal a todas as pessoas homossexuais - crescesse achando complicado assumir sua sexualidade, ao assumi-la o fez para sempre. Diferentemente dos escritores homossexuais da geração anterior, a geração de White não escondia sua preferência sexual. Em meados da década de 1970, White, devido a sua postura mais aberta e tendo já exercido o papel de editor em várias publicações norte-americanas, foi convidado a escrever em parceria com o psicólogo Charles Silverstein um livro que marcaria a formação sexual de muitos estadunidenses: *The joy of gay sex* [Os prazeres do sexo gay]. Na verdade, o livro seria a continuação do sucesso internacional de *Os prazeres do sexo*. A trilogia terminaria com *The joy of lesbian sex*. O capítulo 10 de *City Boy* conta como surgiu esse projeto, revela muito dessa sociedade pré-informática que precisava procurar a informação nos livros. White aceitou o desafio de escrever sobre a sexualidade homossexual e suas práticas.

Ele conta como foi esse desafio e de como a leitura de Foucault foi reveladora para ele. A pesquisa o levou à reflexão e questionamentos sobre a liberdade sexual e as imposições morais de seu tempo. Conta o autor que a *Historia da sexualidade* de Foucault: “forneceram uma longa linhagem para o amor homem-homem e provas dramáticas de como a homossexualidade mudava de época para época. (...). havia também diferentes ‘homossexualidades’, não uma homossexualidade (...)” (p.167). Para White, que mais tarde conheceria Foucault e dele se tornaria amigo, as ideias do filósofo francês teriam sobre ele “um efeito libertador”.

Considerações finais

As memórias de White terminam nos anos 1980, quando o autor vai morar na França e passa lá muitos anos consolidando sua carreira (White é conhecido por escrever as biografias de Proust, Rimbaud e Genet). No entanto, vale a pena ressaltar um fato relacionado à sexualidade, questão que levantou a discussão deste texto. Há no relato de White um saudosismo a esses anos de liberdade sexual e, principalmente, não há uma conclusão moralista com a chegada da Aids. O fato de essa doença ter arrasado a vida de muitos amigos seus não faz o autor olhar para aqueles anos com um olhar condenatório, como se Aids fosse uma praga divina – como, aliás, a Aids foi associada inicialmente por muitos, como uma maneira de explicar sua propagação. Esse olhar do autor enobrece o texto, diferentemente de Carlos Hee. Em *Trem fantasma*, o autor conta as façanhas sexuais suas e de seus amigos como uma conquista com os dias contados, como uma bomba-relógio, como se a liberdade sexual aliada apenas ao hedonismo merecesse tal desfecho. Nesse sentido, o autor involuntariamente acaba associando e fortalecendo a ideia do gay com a promiscuidade e sua punição. Ao contrário, White, como já foi comentado, associa a liberdade sexual a uma sociedade vinda de uma contracultura e que estava vivendo seu momento. Enquanto no texto de Hee existe uma sombra moral (“Mas quem sabia realmente o que se passava? Todos seriam pegos numa armadilha bem construída, que não permite nenhum tipo de fuga” (p. 93)), no de White há uma tolerância e certo humor (“Como éramos americanos moralistas, achamos que a promiscuidade era o inimigo e a fidelidade, a solução. Éramos incapazes de compreender que era mais seguro fazer sexo seguro com dez homens nas saunas do que ser fiel a um amante – e fazer sexo sem proteção com ele”(p.318)).

City Boy é um relato franco e aberto sobre a vivência dos anos 1960 e 1970 numa das cidades mais expressivas do globo bem como um convite à reflexão sobre como num curto espaço de tempo comportamentos foram alterados e tabus foram derrubados; e mais: como os anos 1980 trouxeram de volta o conservadorismo. Para a História, os quase 55 anos que nos separam daqueles anos vividos por White são quase nada – um fragmento, quiçá; e, no entanto, quão profundas são as marcas que essa geração deixou para a posterioridade. As memórias de White nos levam a um tempo em que era comum o debate literário e as ideias discutidas nas rodas acadêmicas tinham um impacto na sociedade. A narrativa de White mostra como as Artes – em todas suas expressões – geravam polêmica, debates acalorados e formavam opinião. Hoje, órfãos daquela influência artística e imersos numa sociedade televisiva, vivemos insípidos anos pós-tudo.

Data de submissão: 19/08/2013

Data de aprovação: 07/11/2013